

A necrópole da 1.^a Idade do Ferro do Monte da Têra, Pavia

|| CIDÁLIA DUARTE || LEONOR ROCHA || VANDA PINHEIRO ||

A necrópole da 1.^a Idade do Ferro do Monte da Têra localiza-se no distrito de Évora, concelho de Mora, freguesia de Pavia.

As intervenções que se têm vindo a realizar neste sítio desde 1997, da responsabilidade de Leonor Rocha (IPA, Extensão do Crato), permitiram identificar uma necrópole de incineração da 1.^a Idade do Ferro.

As sepulturas identificadas até ao momento encontram-se ou no interior de um grande *tumulus* pétreo ou nos seus limites. A cem metros deste conjunto funerário foi identificado um conjunto de menires cuja ligação com a necrópole ainda não se encontra perfeitamente estabelecida.

As urnas até agora exumadas nas duas campanhas arqueológicas desenvolvidas forneceram dados indubitáveis que apontam para a presença de uma necrópole de incineração, com deposição secundária das ossadas em urna.

Os primeiros fragmentos ósseos a serem analisados em laboratório provinham de uma zona onde duas urnas completamente fragmentadas foram exumadas. A observação dos fragmentos (muito pequenos) não indiciou a presença de vários indivíduos mas também não permitiu recolher qualquer outro tipo de informação.

Após este primeiro sinal de que se poderia estar em presença de uma extensa necrópole, a arqueóloga responsável requereu a colaboração do CIPA, e iniciou-se um trabalho de escavação minuciosa de cada um dos vasos fúnebres.

A Urna n.º 3, na figura 7-3, tinha o fundo quebrado, separado, o que facilitou o trabalho de exumação dos ossos no seu interior. A escavação foi efectuada por níveis sucessivos, na tentativa de detectar uma qualquer organização na sua disposição.

A total ausência de carvões, e o estado de conservação e coloração dos ossos permitem-nos detectar algumas características desta deposição funerária. Em primeiro lugar, trata-se de uma recolha sistemática dos restos humanos resultantes de uma incineração 'incompleta' (Eckert et al., 1988). A coloração branca dos ossos revela que se trata de restos incinerados a temperaturas superiores a 800°C (Ubelaker, 1989). Embora a coloração do osso não seja, por si só, indubitavelmente esclarecedora da temperatura atingida nem da possível manipulação do corpo durante a combustão, a coloração branca e o seu aspecto de 'porcelana' é con-



FIG. 7-1 — Enterramento n.º 5. Estrutura pétreo.



FIG. 7-2 — Alinhamento de menires associado à necrópole.



FIG. 7-3 — Urna n.º 3, após a sua escavação em laboratório.

sensualmente considerada como sintomática de uma fase de combustão completa de toda a matéria orgânica e subsequente fusão dos sais ósseos (Correia, 1997, p. 276). Outros indiciadores são a deformação do osso, os seus padrões curvos e transversais de fractura, o que ocorre quando o osso é queimado ainda com outros tecidos associados (Correia, 1997, p. 279, Mays, 2000).

Os ossos que tinham sido depositados na Urna 3, sob análise, foram dispostos cuidadosamente em feixe, imbricados, sem quaisquer carvões nem espólio artefactual. A partir do fundo (quebrado, como se disse, com fractura antiga), a presença dos ossos fazia-se notar de imediato, à medida que se iniciou a escavação (Fig. 7-4). Pelo lado do topo, contudo, os ossos só são visíveis a 9,5 centímetros de profundidade em relação à margem superior do bordo. Este fenómeno pode dever-se a um sucessivo e lento ajuste dos ossos que, com a gravidade, o peso dos sedimentos, e a humidade, podem ter-se movimentado ligeiramente para o fundo do vaso.

O projecto em curso (englobando, de momento, três urnas exumadas do local) permitirá, eventualmente, reconstituir os procedimentos funerários nesta necrópole, análise ainda não efectuada em nenhum sítio deste tipo em Portugal. Embora a possibilidade de avaliação do sexo e idade do indivíduo seja bastante reduzida na análise de restos cremados, a distinção possível entre adultos e sub-adultos, bem como alguns indicadores sexuais secundários (quando conservados nestas inumações) poderão permitir o estabelecimento de diferenças no tratamento funerário dos mortos. O projecto encontra-se em curso no núcleo de Osteologia Humana.



FIG. 7-4 – Urna n.º 3. Início da escavação por níveis artificiais.

CAIXA 7-2

Depósito funerário infantil em ânfora proveniente de Tróia

|| CIDÁLIA DUARTE ||

A ânfora sob análise neste trabalho pertence ao Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS), e foi entregue em 1996 ao Núcleo de Osteologia Humana, então a cargo do IPPAR (*Boletim do CPAS, Ano 33, n.º 1, Dezembro 1996*), porque possuía ossos no seu interior que ainda não haviam sido identificados nem alvo de estudo antropológico. A observação do espólio (recipiente cerâmico e restos humanos nele representados) sugere estarmos em presença de uma das ânforas de inumação

comuns nas necrópoles romanas do final do Império (século IV, provavelmente). Dada a proximidade do complexo arqueológico de Tróia em relação ao local de proveniência do achado (embora não especificado), tudo indica ser esse o local onde este foi recuperado.

Em laboratório, a ânfora foi analisada para detecção da sua possível origem, da sua morfologia e conservação, e do seu conteúdo. A morfologia da ânfora permite identificá-la como um



FIG. 7-5 – Ânfora e tampa associada.